

Mônica Francisco:

Olá! Eu sou Mônica Francisco e esse é mais um Memória Viva. Hoje a gente está aqui no Museu da Maré para entrevistar essa figura incrível: Claudia Rose. Bom dia! Brigada!

Claudia Rose:

Nossa! Eu que agradeço. Seja bem-vinda aqui (sinaliza o espaço com as mãos).

Mônica Francisco:

Claudinha, a gente vai fazer uma conversa que vai caminhar um pouquinho para trás... vai voltar. A gente quer saber muito de você. A gente quer te ouvir. A gente quer conhecer mais dessa referência que você é quando a gente fala de memória e memória de favela. A gente está aqui nesse espaço dos tempos. E hoje é tempo de Claudia. Claudia, eu quero que você me diga de onde você vem. Como você chega nesse lugar de referência militante na luta por memória? Voltando lá atrás pra a Claudia.

Claudia Rose:

A Claudia menina que nasceu na Baixa do Sapateiro em novembro de 1990, não... 1966. De Escorpião, sempre bem livre, porque meus pais sempre deixaram a gente solta andando pelas ruas. E eu lembro muito dessa infância brincando na rua... Dia de São Cosme e São Damião... rodar a favela inteira atrás de doce pelas palafitas. Eu morava na Rua Nova Jerusalém, onde meu pai mora, minha irmã... moram até hoje, e ali já era uma rua asfaltada. E era muito naquele espaço, muito perto da escola - que eu estudei no Quarto Centenário, uma escola que era da classe de alfabetização até a antiga quarta série, hoje quinto ano. Eu atravessava a rua e já estava na escola. Então era uma comunidade que acolhia muito.

E aí nessas festas... festa junina, né... festa de São Cosme e São Damião, aí que a gente andava tudo atrás de doce da quadrilha dos Arraial da Vida, subia para o Timbau, Arraial do Bicudo, ia lá pra Baixo do Sapateiro. Aí para os palafitas. O meu tio morava nas palafitas. Então assim, a gente tinha muito essa coisa da liberdade de andar. Mas, depois, na minha adolescência, eu tive uma outra experiência, que foi a experiência da Igreja Católica, que também aqui na Maré - Nossa Senhora de Navegantes -, e ali eu tive também contato com outras pessoas da minha infância, já adolescente.

E isso influenciou muito tudo que eu fiz ao longo da vida, estou fazendo. E, foi quando eu conheci a Teologia da Libertação, a prática das Comunidades Eclesiais de Base, a partir da Pastoral da Juventude. Fora da Diocese do Rio. Também porque aqui tudo era muito cerceado, uma diocese muito conservadora. Mas a gente, como jovem, tinha contato com jovens de tantos outros lugares. Aí eu tinha o que? 15 anos já, 16... E aí eu fui conhecendo essa realidade e isso me pegou de tal forma que, apesar de adorar, amar, língua portuguesa, eu queria muito escrever, ser uma escritora. Eu gostava daquilo. Eu lembro que eu estudei no colégio, na Escola Bahia, aqui na rua do Museu - Avenida Guilherme Maxwel já Avenida Brasil.

E na antiga quinta série, a professora Sônia, uma mulher negra de língua portuguesa, maravilhosa,

falou assim: “Você é uma escritora? Vamos levar os seus escritos.” Porque, além de escrever, eu também desenhava... “Vamos levar isso e aquilo ali.” Meu pai foi comigo, e a gente querendo ir para o lugar para levar o material. Era uma exposição que até agora eu não lembro muito bem. Eu tinha 11 anos. Já não lembro muito bem. Mas eu sempre gostei, mais por conta dessa... desse mundo aí de me reconhecer como uma mulher negra, uma adolescente na época, latinoamericana, porque eu não tinha essa noção.

Mônica Francisco:

você tinha essa consciência? Não, né?

Claudia Rose:

Quando eu comecei na militância na Pastoral da Juventude...

Mônica Francisco:

Já adolescente, daí?.

Claudia Rose:

Que aí já com 15, 16, 17 anos, eu comecei... eu não sabia disso, até então. Eu comecei a ter essa consciência justamente porque eu comecei a ter contato com a prática das Comunidades Eclesiais de Base. E aí ter esse conhecimento sobre a América Latina, saber que eu era uma mulher negra na América Latina, saber das lutas do povo latino americano... tudo isso veio aí aos 16, 17, 18 anos.

Então assim, eu, por conta disso, me apaixonei pelo que? História. E aí assim, apesar de amar a língua portuguesa e querer... “ah, eu vou pra letras, literatura.” Não: fui pra história fazer história na UERJ. Mas antes disso, eu fui fazer o ensino médio na Ilha do Governador e lá também comecei a minha militância política. Porque foi lá na época... foi eleição do Brizola. Foi reabertura política. A gente estava saindo da ditadura... aquela coisa. E aí houve uma eleição para grêmio estudantil e eu concorri com uma chapa.

Mônica Francisco:

Olha...

Claudia Rose:

E ali foi assim, a primeira militância política mesmo... de entender o que era aquilo. Logo em seguida. Aí isso já com 18 anos... aí a gente criou o primeiro núcleo do PT na Maré: o Núcleo PT-Maré. E aí foi tudo isso a partir dessa entrada aos 14... 15 anos, na Pastoral da Juventude, esse conhecimento da Teologia da Libertação, da prática das Comunidades Eclesiais de Base. A gente participava de encontros fora do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, em Duque de Caxias, Nova Iguaçu. Então isso tudo foi despertando essa outra Cláudia, digamos, menos para Letras e mais para as histórias. Mas que continua letras, né (risos)? E aí foi que eu entrei na UERJ. E também foi uma virada na minha vida ter contato com outras pessoas. E eu tive a sorte, porque quando eu

entrei na UERJ em agosto de 87. Olha... muitos anos! Toda a minha turma era uma turma, assim... de pessoas que vinham da zona Norte da Baixada. Eu era a única favelada. Mas todo mundo tinha essa história de luta. Já tinha gente que já era professor de criança, né... antigo primário.

E aí eu estava ali para tentar continuar, né... a fazer história. Então tinha gente de tudo quanto é lugar. Mas o lugar era o lugar também da classe média baixa. O mesmo como eu: o lugar de população da classe popular. Pessoas que vinham da Baixada, da Zona Oeste do Rio...

Mônica Francisco:

Gente de verdade.

Claudia Rose:

Gente de verdade! Então, eu nunca tive nenhum problema em me colocar como favelada nessa turma maravilhosa que até hoje a gente se encontra.

Mônica Francisco:

Que maravilha! Já que a gente está falando que é tempo de Cláudia, né. Parafraseando esse espaço incrível que a gente está, um espaço que é um templo. É um templo. Esse silêncio é quase uma catedral, né (risos)... como diz a música. Mas voltando para Cláudia menina, vou adiantar uma pergunta porque eu acho que cabe a gente adiantar: lembra dos lugares de memória. Você passou por alguns. Quais são os lugares de memória que marcaram a sua vida? Seja das memórias maravilhosas do Arraiá, seja das memórias maravilhosas daquela vizinha que dava o doce que era da mesada, do doce, do cartão do Cosme e Damião. As memórias de dor também. As memórias difíceis. Me fala dos lugares de memória que estão chegando aí agora quando você começa a falar tudo isso.

Claudia Rose:

Ah... Meu Deus! Isso... bem! Um lugar de memória, sem dúvida, era a calçada de frente da minha casa. Porque era uma calçada grande e tinha ao lado da minha casa um... era um depósito de mercadorias que vinham...o nome inclusive estava lá: Vale do Itajaí. Eram mercadorias que vinham da região sul. Eles colocavam ali, depois levavam, vendiam e tal e isso só funcionava durante o dia. À noite assim, 17h...18h, fechava. Então a gente ficava com a minha... a calçada em frente a minha casa... e essa calçada enorme dessa... desse depósito.

Então a gente brincava ali. Ali era um espaço de memória que a gente brincava de tudo. Então era amarelinha, era pique-taque - que eu não gostava de pique-taque porque tinha que correr o tempo todo (risos). E eu nunca fui das corridas. Mas era pique alto, pique bandeira, era garrafão, era tudo, todas as brincadeiras infantis, corda. E a gente pegava... tinha muita terra ainda. Não era essa coisa tão "concreto e asfalto". E a gente pegava barro e fazia esculturas de barro, fazia panelinha de barro e tudo. E assim ,a gente desenhava... tinha muito isso, pegava giz e desenhava no chão uma planta de uma casa com quarto, cozinha e a gente brincava que a gente estava naquela casa.Então assim, era... isso ali era um lugar de memória muito da infância... dos amigos da rua.

Depois, um outro lugar eu acho que aí era a casa do vizinho, da vizinha. Tinha uns vizinhos portugueses que, na mesma calçada da minha casa, o quintal deles tinha um pé de cajá gigantesco. Então a gente gostava de ir pra lá pegar cajá. Nossa, era assim... E ainda do lado da casa, entre a casa deles e a nossa, tinha uma vila de casas. E lá tinha pé de abiu, pé de carambola, pé de jaca. Então assim, eu cresci com isso. Com essa... essa coisa do quintal, da vizinhança. Então esses lugares de memória assim... bem afetivos, bem de acolhida mesmo.

Agora, um outro lugar, do outro lado da rua, a Escola Quatro Centenário. Hoje já mudou. Hoje teve obra. Ela é um outro prédio. Mas era um prédio pequenininho, tipo casa. E assim, a gente gostava muito daquele espaço que era um espaço que a gente brincava. Tinha um corredor do lado das salas, do lado de trás das salas, que a gente dizia que ali era mal assombrado. Então as crianças, na hora do recreio, iam todas juntas pra lá para ver o fantasma. E aí sempre tinha uma criança que gritava, dava um susto, todo mundo saía correndo. E os professores sempre assim... aquela coisa assim. Mas eu lembro muito, com muito carinho da merendeira Dona Genésio, que ela sempre cuidava... me chamava de Claudinha. E aí aquele cuidado com... né, com todo mundo ali. Então tinha esse espaço do afeto.

Agora, São Cosme e São Damião com certeza é uma memória maravilhosa que... assim. Eu e minhas irmãs uma vez... isso foi ideia minha. A gente... três irmãs. Então, juntando tudo, a gente pegava muito doce. Então a gente teve assim... eu, né... de escorpião, meu Deus (risos)... peguei assim: Ah, já sei. Tinha uma obra perto de casa, aquelas pedras de obra. A gente pegou todos os nossos sacos, a gente guardava os doces nas latas, a gente pegou aquele saco, encheu de pedras e disse estava dando doce. Olha a ideia (risos). E as crianças correndo para pegar. Quanto elas viram que era pedra, óbvio! Fizeram o óbvio: começaram a jogar pedra contra a gente (risos). A gente saiu correndo, elas querendo invadir o quintal. Mas aí a gente trancava o portão. Nossa, assim, essas brincadeiras doidas de criança.

Mas na mesma calçada da minha casa, mais abaixo, tinha o terreiro de Umbanda e... Cosme Damião era assim... o momento. A gente sempre pensava: “Ai, vai chegar! Vai chegar!” E a gente ia correndo e a minha mãe: “Vai lá! Vai lá pegar doce.” E aí eu lembro do cheiro do lugar, daquelas aquelas tirinhas assim lá em cima daquele terreno, e tinha uma mesa enorme, e aquelas baianas... elas se vestiam de branco a gente achava que era baiana. Aí elas sentadas naquelas cadeiras com bacias cheias de doces. E a gente... além da mesa. Na bacia tinha sacos, né... doces convencionais. Mas na mesa era assim... bolo, era cuscuz, era tudo que podia imaginar. Então assim, era um momento de muita alegria.

Agora, um lugar... apesar de ser um lugar do afeto com certeza, a escola. Mas é uma lembrança que me... assim, não é uma lembrança que, digamos que me magoe hoje, mas me magoava na época. Porque eu era criança, né? E aí a gente alisava o cabelo com pente de ferro. Não sei se todo mundo sabe o que era pente quente (risos). Inclusive, aqui na exposição temos o pente quente. Então assim, minha mãe, ela desenvolveu uma doença degenerativa que era a artrite reumatoide.

Então as articulações, primeiro começou a atingir as articulações das mãos. Então desde assim... muito cedo, com 8 anos, 9... 10... minha mãe tinha uma dificuldade já por conta da degeneração e que só depois que eu fiquei adulta é que eu descobri o que era aquilo e comecei, já trabalhando, paguei um plano de saúde para poder tratar a minha mãe daquela doença, mas que já estava muito avançada por conta da falta do tratamento.

E depois eu fui descobrir que ela era muito bem atendida no SUS. Mas ela, que era teimosa, só tomava o remédio da dor e não o remédio para barrar o avanço da doença. Eu só fui saber disso depois. Porque quando eu levei ela no médico, ela começou a contar tudo. Aí...”Ah, eu já tomei esse remédio”: cloroquina. A cloroquina para tentar barrar. E ele (o médico) falou assim: “Ué, como?” E ela: “Não, eu li a bula. Não gostei do que estava na bula. (médico continua): “Ah, mas aí a senhora não leu a bula desse decadron?” Decadron que hoje é proibido, inclusive. Que é a base de cortisona, que era o que aguentava, assim... ela tinha dor, constante, dores constantes. A cortisona assim... aliviava um pouco aquela dor. E aí, por isso ela não alisava o nosso cabelo com pente quente. E a gente se atrevia a alisar.

Então era sempre queimadura. É queimadura na testa, queimadura na orelha, queimadura aqui atrás. E eu ia para a escola com cabelo alisado, achando o máximo. Chegava lá e as crianças: “Ai, ela passou a pente quente.” Aí tinha um bebedouro assim, elas enchiam a mão de água e tocavam na minha cabeça (risos).

Mônica Francisco:

Aaaai...

Claudia Rose:

Hoje eu até posso imaginar assim... é tudo criança, né? Eu posso relevar isso. Mas na época, nossa! Aquilo me marcava, me doía e hoje não assim. Olha, foi uma fase do pente quente. Até um dia... até jovem... com 13 anos, eu falei: “Nunca mais eu passo o pente quente!” E aí nunca mais passei mesmo, assim... né? Então foram essas fases. Essa lembrança eu carrego e tudo. E eram colegas de escola, mas eu acho que assim... toda aquela coisa do preconceito, que já existia. E era uma reprodução do preconceito já, desse racismo que já vem e que a criança aprende e aí a criança reproduz. Não... não ter a compreensão da diversidade e diversidade de tudo, né? Então assim... mas era um lugar de memórias boas, com exceção dessas brincadeiras.

E eu ainda sofria mais, porque eu sempre fui gorda. Então além do cabelo, ainda tinha o fato de eu ser a gorda. Nossa! Era muito bullying em cima. Mas assim, eu fui superando isso por quê? Um dos lugares que eu mais amava estar era a escola. Então, além da minha casa, era a escola. Depois passou a ser a igreja com essa descoberta da Pastoral da Juventude. Mas é assim... esses lugares afetivos. Então, eu tenho pensado agora, porque eu nunca parei pra pensar nisso, eu tenho muito mais memórias positivas e gostosas e assim, afetivas, do que traumáticas. Ou talvez eu tenha muitas traumáticas e todas eu esqueci. Afundei lá. E aí é assim. Mas é isso, desse espaço da criança e que eu vivi muito e vejo assim... já minha filha não teve isso, meus sobrinhos não tiveram tanto

isso do espaço da rua. Até minha filha teve um pouco mais do que os meus sobrinhos. Porque, como ela ficava na casa dos avós aqui no Morro do Timbau, e a maioria ali é tudo família, né... tudo da mesma família, então ela ficava na rua correndo com as crianças. Ela teve mais isso. Mas é uma lembrança gostosa da infância.

Mônica Francisco:

Bom, a gente falou de identidade, de memória, de lugar de memória. A gente vê que a escola, a memória, a história, a brincadeira, o racismo atravessam a tua vida. A religião... a fé. Eu queria que você falasse um pouco de quem são as suas referências. Olhando pra Claudinha agora, que é uma referência que... agora, nesse tempo de Cláudia, é o centro do mundo aqui... é o centro do mundo. Quem é a sua pessoa de referência? Quem? Para quem você olhou e falou: “Essa pessoa me inspira. Eu quero avançar nesse caminho”?

Claudia Rose:

Olha, são algumas pessoas. Com certeza, assim, duas pessoas são meus pais. Porque eu penso assim: Nossa, duas pessoas que só estudaram até a antiga quarta série que... bem antigo, né. Eles nasceram na década de 1930, meu pai em 35 e a mãe em 38. Então assim, eles estudaram até a antiga quarta série. Mas eram pessoas... minha mãe já faleceu. Meu pai ainda está vivo, com 88 anos... ainda está vivo (risos). Deixa minhas irmãs ouvirem isso: “Quer matar meu pai!” Não. Mas assim, ele...eles, né, sempre foram referências. O meu pai, ele se preocupava com a escola. Para ele, a gente tinha que estar na escola. Então a preocupação dele era estar na escola. E aí eu sempre via minha mãe escrevendo, lendo. Meu pai lendo, ele sempre lia e ele gostava muito de ouvir rádio. Então assim são referências também.

Era aquele casal também que não tinha muita... a gente não tinha proibições. Eu não lembro. Claro que deveria ter. Sempre tem, né. Mas proibições assim: “Ah, não pode ir ali. Não pode fazer.” Tinha uma disciplina: “Ah, tem que dormir tal hora que amanhã acorda cedo pra escola.” Tinha isso. “Ah, vai ficar de castigo se eu não fizer.” Claro que tinha tudo isso. Mas assim, tinha essa coisa da... que eu acho que isso, né, eu posso me dizer uma pessoa privilegiada, porque eu vejo quantas pessoas negras nascidas em favela tiveram esse direito negado de ter uma família. E é claro que a gente era muito pobre porque assim meu pai, era o que? Aposentado. Ele foi aposentado por invalidez e ele ganhava um salário mínimo e meio. E minha mãe era dona de casa. Então assim, a gente só tinha aquilo.

Então meu pai aprendeu a ser pintor de parede para complementar a renda, vendia doce em frente de casa, sabe? Minha mãe fazia os bolos. Depois ele começou a fazer bolo também para ajudar na renda. E ele não queria que a gente trabalhasse porque ele queria que a gente estudasse. E minha mãe, a mesma coisa: sempre com aquela preocupação. Mas minha mãe sempre foi muito... muito lenta, devagar, calma. Para ela tudo estava muito bom porque ela era esse tipo de mulher, sabe? Nossa! Às vezes brincam comigo: “Você não puxou sua mãe, né? Porque você é uma barraqueira. Sua mãe era aquela pessoa calma.” E eu falo: “É... minha mãe.” Mas eu puxei minha mãe também, esse lado meio. Em algum momento (risos). Em algum momento isso está lá no fundinho. Tá lá.

Então assim, tem essas diferenças.

Mas com certeza assim... nossa! Meus amigos que fizeram parte desse crescimento, dessa consciência política, sabe? Que faziam parte desse mesmo grupo. Então tem algumas pessoas... Márcia Mansur... Raimundo... que foram pessoas que me inspiraram muito nessa caminhada. De serem pessoas que sempre estavam ali ao meu lado, sempre colaboraram com essa caminhada, sempre me incentivaram nessa caminhada.

E tem aquelas pessoas que assim, de certa forma, acolheram. Como minha tia Lúcia. Ela era irmã da minha mãe, solteira e ela ajudava a gente sempre. Sempre ela estava ali ajudando financeiramente, porque a gente não tinha muitos recursos. Então tinha dias assim, que a gente tinha o café da manhã e não tinha mais a comida do dia. “Ah, você passou fome?” Não. Eu tive ausência de comida em alguns momentos. Mas passar fome é muito forte pra mim. Porque, para mim, passar fome é a pessoa não saber se vai poder comer amanhã. E ela é aquela luta pela sobrevivência. A gente sabia que a gente ia ter comida. Mas naquele dia só teve o café da manhã. Ou só teve o almoço naquele dia. Mas a gente sabia que no dia seguinte ia ter, ou as três refeições ou uma delas.

Mônica Francisco:

Eu digo que assim: não passamos fome - então também estou me incluindo nessa história -, mas é um perrengue.

Claudia Rose:

Perrengue!

Mônica Francisco:

É o famoso perrengue.

Claudia Rose:

Perrengue. De depender de... antigamente as escolas, hoje isso não é mais permitido, mas as escolas tinham caixa escolar.

Mônica Francisco:

Exato.

Claudia Rose:

Que aí as pessoas davam dinheiro todo mês e tal. Eu usei muito caixa escolar porque tinha que comprar o uniforme, sapato, livro. Então as escolas, a direção sempre já sabia, né... que tem ali “a Cláudia vai precisar”, a minha irmã, minhas irmãs. E que minhas irmãs também são referências pra mim, apesar delas serem mais novas. Porque elas trazem muito daquela alegria, sabe? Elas têm muito isso assim. E a gente sempre está junto. E a gente tem um grupo “Mulheres Ribeiro”. Ah... “Mulheres Ribeiro”. Somos nós três, minha filha e minha sobrinha. São as três mulheres da família.

Mônica Francisco:

Esse grupo te emociona?

Claudia Rose:

Muito!

Mônica Francisco:

Você está chorando? Pode chorar. A gente chora. Eu choro à beça. Eu digo que a gente... e a gente eu estou falando mulheres, nós mulheres, a gente chora. E aí é que está a nossa força, porque esse desaguar é muito poderoso. São as nossas águas internas poderosas que trouxeram você até aqui no centro do mundo da gente aqui no Memória Viva. É... a sua história é uma história de alegria. Tá todo mundo emocionado aqui e eu estou também. E quando você falou das Mulheres Ribeiro, elas são a sua grande referência. Não é?

Claudia Rose:

Elas são. E é aí assim, esse grupo de Mulheres Ribeiro, são as mulheres que a gente se apoia. Então a gente está sempre se apoiando ali. Apesar de uma ser sobrinha, outra filha. Mas são mulheres que se apoiam. Idades diferentes, mas são mulheres que são referência. Com certeza. Minha filha, minha sobrinha e minhas irmãs (chora).

Mônica Francisco:

O quanto delas tem na Cláudia de hoje?

Claudia Rose:

Ah, muito! Muito. Porque assim, tem aquela história: ah, fui mãe com Júlia. Júlia é minha filha. Ela me tornou mãe. Mas ela é uma pessoa extremamente crítica e uma pessoa meiga também. Então ela traz isso. A Thamires já é uma pessoa meio... mais fria nas coisas. Mas ela é bem incisiva, bem focada naquilo que ela quer fazer. Defendeu agora. Fez... terminou o mestrado na casa de Oswaldo Cruz. Defendeu agora, semana passada. E aí ela fez justamente sobre o Arquivo Dona Orosina Vieira, que é outra mulher que inspira. Incrível! E a continuidade dela, a Vera, que é aqui do museu, aquela que recebeu vocês... Nossa! A Vera é sobrinha-neta de Dona Orosina, e é uma mulher inspiradora, né? Então assim a gente também tem, eu também tenho, mulheres aqui que me inspiram no dia a dia, que ao longo da vida têm me inspirado. E aqui no museu, essas mulheres maravilhosas que inspiram, né? E aí assim, o suor, lágrimas...

Mônica Francisco:

É o tempero da vida e da luta. Claudinha, você quer tomar uma água?

Claudia Rose:

Quero. Só um pouquinho (pega a água).

Mônica Francisco:

Então, quando você terminar de tomar água, eu quero que você fale pra gente um pouco dos grupos organizados aqui na Maré, com os quais você se relacionou a partir da sua chegada na militância. Quando você se torna e... voltando um pouquinho atrás, você fala da sua chegada ao conhecimento da Teologia da Libertação, que é um caminho para se organizar. Você fala do núcleo do PT aqui da Maré. Então você está falando de organização política. Você está falando de organização comunitária, de articulação interna. Eu queria que você falasse um pouco dos grupos que estão transitando, né... a Cláudia entrando com as suas referências na luta. Quando você se torna a Cláudia militante a partir desses eventos?

Claudia Rose:

Sim. Olha, como eu falei: é o principal grupo que me despertou toda essa questão... essas questões políticas e essa minha consciência em ser uma mulher negra, latino americana, foi esse grupo jovem da Pastoral da Juventude. Porque foi ali que eu comecei a desenvolver essa consciência crítica, política, de esquerda, e ver o mundo de outra forma. E isso me abriu caminhos para poder ter essa inserção na comunidade. Então assim, eu comecei, mais do que os grupos, pessoas que tinham essa mesma origem na igreja e que estavam já na militância também. Então a gente começou a se encontrar muito e fazer coisas juntos.

Então, uma das coisas que a gente fez juntos, eu não me engano, foi 86, talvez 88, foi a criação do grupo PT-Maré. Então a gente fez isso junto. Mas tinha também muito essa inserção nas... eu não participei disso, mas eu convivia com as pessoas que estavam nas creches comunitárias, que estavam no movimento das associações de moradores. Porque a gente tá falando da década de 80 e início de 90, de luta das associações de moradores. Coisa que mudou hoje, né? Claro que tem o referencial ainda nas associações, mas a gente percebe que as associações têm um outro... foram apropriadas, ressignificadas por outros grupos. Essa disputa do poder.

Mas a gente tá falando de década de 80 e 90, que a gente tinha mesmo a luta de base, de organização para conseguir, por exemplo, coisas concretas. Asfalto, água encanada, luz elétrica, creche, escola. Imagina, todas as escolas que a gente tem na Maré, só municipais são 43, entre creches e escolas até o nono ano, é... tudo isso foi fruto de luta e nada caiu do céu. E como essas pessoas se organizavam, tinha o Unimar, que era a União das Associações de Moradores da Maré. Então assim, como essas pessoas também fazem parte dessa minha trajetória. Porque a partir dessa conscientização política, eu comecei a conviver com essas pessoas. Pessoas, algumas que eu já conhecia da igreja, outras que eu não conhecia. Passei a conhecer a partir disso, da militância partidária. Foi a primeira que assim... 86, 88, da criação do PT- Maré.

Então, conviver com essas pessoas foi muito importante para mim porque eu tive contato com a história, por exemplo, das associações de moradores que eu até então desconhecida. Porque quando eu era criança... adolescente, a associação de moradores na minha cabeça era o lugar do cineminha. Porque eles faziam lá da Baixa do Sapateiro, na associação de moradores, cineminha. Então a gente ia para o cinema e tal. Mas aí eu fui descobrir que tinha muito mais do que isso, que

o cinema era uma forma de levar os moradores para dentro da associação. Mas que eles tinham toda uma militância, uma formulação política e tal. Então, isso tudo foi muito importante nessa minha trajetória. Assim, de estar com essas pessoas, com esses grupos, principalmente a política partidária e as associações de moradores e as creches comunitárias, que eram pessoas desses espaços que tiveram esse impacto político na minha vida.

Mônica Francisco:

Qual é a favela que você descobre quando você começa a ser uma militante?

Claudia Rose:

Ah, eu descubro uma favela primeiro, com poucos direitos reconhecidos. A gente não tinha água, em muitos lugares não tinha água encanada. Eu lembro que a gente circulava muito e a gente circulava muito mesmo pelas comunidades de uma a outra. Eu, por exemplo, sou da Baixa do Sapateiro, não se você tem muita noção. A baixa fica... bem, mais ou menos, passarela oito da Avenida Brasil, tudo para dentro é Baixa do sapateiro. A gente ia a pé por dentro até o Parque União, que já é a passarela dez e que é uma distância grande. A gente andava tudo isso. Até o parque União. A gente circulava e, em dia de chuva, era assim... esgoto que saía do chão porque não tinha rua, é... asfalto nas ruas, não era. As casas ainda eram de madeira e muitas ainda em cima das palafitas.

Porque assim, teve o projeto Rio, que começou em 1979, 1980. A maré foi urbanizada, mas não toda. E depois, ao longo dos anos, é que de fato todas as palafitas foram retiradas. Então, até então a gente ainda tinha algumas palafitas, principalmente na Praia de Ramos. Foram os últimos lugares a ter as palafitas retiradas. Então assim, era uma ausência de direitos. De direitos básicos, saneamento, água. Então você tinha isso. Agora, por outro lado, uma Maré que se organizava. Tinha muita organização popular.

E uma coisa que marcava muito esse lugar naquele período: mutirão. Então as pessoas trabalhavam, chegavam à noite, elas faziam mutirão, umas ajudam as outras. Final de semana, feriado era mutirão: para ajudar a construir a casa, para ajudar a aterrar o lugar ali em volta da casa. Enquanto não tinha asfalto, não tinha uma urbanização do poder público, promovida pelo poder público. As pessoas se organizavam, por exemplo: fila da água, ia lá as mulheres, ficavam na fila. Depois vinham um homem carregando a lata que era mais pesada e... na balança d'água. E eu lembro disso porque na minha casa tinha água encanada e aí muita gente ia lá, e meu avô abria lá a casa para as pessoas pegarem água para elas. Era um dos lugares que as pessoas pegavam água. Mas tinham o que se chamava de bicões, que era o lugar onde se fazia fila para poder ter acesso a água potável, porque as pessoas não tinha água em casa.

Então assim, essa Maré eu vou descobrindo. Uma Maré sem direitos, onde os direitos não eram reconhecidos. Mas uma maré de luta, de resistência e principalmente de organização popular: por meio das associações de moradores, dos mutirões. Era muita organização.

Mônica Francisco:

Me fala da saúde, da comunicação nessa época. O que você lembra?

Claudia Rose:

Bem, saúde eu tenho assim uma memória, não assim... Na verdade, a gente não tinha quantidade de equipamentos de saúde e clínicas da família. Era sempre o postinho. Então não tinha aqui. Não tinha muito acesso ao postinho, tinha um postinho ou outro. Eu lembro que na Nova Holanda tinha. Depois ele começou a se fazer em outras comunidades, mas do que a gente tinha acesso era: ou ia lá na Ilha do Governador, que tinha o Hospital Loretto, que era o hospital de pediátrico, ou a gente ia para o hospital que, na época que a gente chamava de Iapeteque, mas que é o hospital Federal de Bonsucesso. E assim, tinha o posto que eu acho que é o mais antigo, que é o Américo Veloso, lá na Praia de Ramos, que eu lembro que eu era criança e a gente ia vacinar lá. Minha mãe levava a gente pra vacinar lá, mas a gente era criança. Então esse é bem antigo.

E depois, com muita luta e exigência dos moradores, a gente foi conquistando outros, até que isso virou uma política pública. E aí foram instaladas as clínicas da família. Mas não tinha uma agenda emergencial. UPA? Não existia isso, né. Então as pessoas corriam para as emergências que existiam e que era: ou lá no Hospital Paulino Berneck, dentro da Ilha do Governador, que era lá dentro, ou no Hospital Federal de Bom Sucesso. Então não era um acesso tão... apesar de a gente saber da precariedade de hoje, do sucateamento do SUS, mas hoje a gente tem mais equipamentos de saúde, né. Não tinha muito acesso a tudo isso. Você perguntou outra...

Mônica Francisco:

É. Eu te perguntei sobre a saúde e a comunicação.

Claudia Rose:

A comunicação... bem, isso aí foi um caminho... foi interessante assim, porque na época do Projeto Rio, e aí eu não tinha ainda essa consciência de militância e tal, porque era 80. 79... 80. Eu nem tinha ainda entrado na igreja, na Pastoral da Juventude. Mas eu vivi essa coisa assim, de longe, de olhar aquelas máquinas passando, aqueles aterros sendo feitos.

Mônica Francisco:

O Projeto Rio era um projeto de urbanização, de melhoria...

Claudia Rose:

De urbanização que aterrou parte da Baía de Guanabara, que do litoral aqui às margens aqui da Maré, criando novas comunidades, né. Vila do João, Conjunto Esperança, depois Vila do Pinheiro, Conjunto do Pinheiro, e acho que os moradores das palafitas ganharam apartamentos, foram morar nesses lugares. Ganharam entre aspas, porque precisou garantir que isso acontecesse. Então, um dos movimentos foi justamente criar um jornal chamado União da Maré. Era um jornal que denunciava, fazia denúncias... as associações de moradores que criaram. Fazia denúncia e sempre cobrando do governo o cumprimento das promessas de que os moradores que moravam nas

palafitas teriam casa para morar aqui na Maré, não seriam removidos. E isso foi uma vitória. Porque conseguiram. Isso não era dado (faz sinal de aspas com as mãos). Isso era coisa de campanha, que era o João Figueiredo. Fim da ditadura civil-militar...

Mônica Francisco:

O Presidente da República João Batista de Oliveira Figueiredo?

Claudia Rose:

Presidente da República. General, militar, ditador... e era o fim, né. E já se sabia disso. E aí existia toda uma articulação para que ele emplacasse um sucessor eleito pelo Colégio eleitoral. E aí não conseguiu. Ele não conseguiu. Mas, de qualquer forma, tinha toda uma política e o pessoal sabia que isso era discurso político. Por isso, toda a organização dos moradores para exigir que as promessas fossem de fato cumpridas. Eu só me dou conta disso depois, quando eu descubro o jornal. Mas aí, já nas pesquisas da vida, aí já... já tinha... não tinha o Museu da Maré, mas já tinha o CEASM. E aí a gente pesquisando, descobriu porque, primeiro o Carlinhos, na época, ele era presidente da Associação de Moradores de Tmibau, então ele tinha acesso a esse acervo, que tinha exemplares lá na associação. E aí a gente começou a descobrir isso na década de 90, que a gente começou a descobrir.

E foi justamente na década de 90 que a gente começou com o movimento de TV comunitária. Então começou a TV Maré, começou em 89. E depois a TV Maré foi até mais ou menos 92... por aí, quando o projeto acabou, mas o acervo ficou e deu origem a um trabalho de memória que a gente começou a desenvolver no CEASM. a partir de 97. Mas também, nesse período, já tinha a Rádio Maré com o Teteu. Nossa! O Teteu, que é uma figura maravilhosa aqui da Maré, que é do samba e da cultura popular. E aí ele conhece todo mundo. Imagina, todo mundo! Ele conhece todo mundo. Ele é aqui da Baixa do Sapateiro, mais transita em tudo quanto é lugar. E aí ele começou com esse movimento, juntamente com outras pessoas, o movimento da Rádio Maré.

Então a gente começou a investir em comunicação. “Peraí, né? Vamos criar o jornal, né?” E aí, dentro do CEASM a gente criou o jornal O Cidadão, já com essa coisa da comunicação comunitária. Aí já tinha toda essa ginga, essa história aí já dando base para a gente criar um jornal que tivesse essa proposta mesmo de comunicação comunitária de base por onde passou Renata Souza também passou Gizele Martins.

Mônica Francisco:

Companheira do Dicionário.

Claudia Rose:

É. Que passaram pelo jornal e esse trabalho começou justamente aí, por ter consciência dessa história de luta. Um jornal chamado União da Maré, que inspirou tantas outras coisas como a TV Maré, Rádio Maré, Jornal Cidadão e a comunicação para a gente é importante. Ter essa comunicação de base comunitária. E como a gente também, foi possível através disso, criar

comunicadores comunitários. Quer dizer, influir e influenciar na formação dessas pessoas. Como tem tantos outros... hoje, né, a gente tem grupos e coletivos de comunicação comunitária... não digo que todos, mas a maioria, os mais antigos, que já tem 30 e tantos, passaram pelo CEASM, pelo jornal O Cidadão, por esse trabalho de comunicação.

Mônica Francisco:

Fala de um programa da TV Maré que você mais gostava. Um da TV, um da rádio e do jornal... o que você mais gostou dos três?

Claudia Rose:

Da TV Maré? A TV Maré tinha... na verdade fazia documentários sobre a região, tudo o que acontecia no cotidiano. E uma das coisas que eu mais gostava, uma que me chamava atenção dos documentários era “memória dos moradores”. E tinha uma história de um morador que inventou essa história. Mas assim, eu achei genial. Ele falou que tudo... toda essa região do Morro do Timbau pertencia a uma socialite chamada Sílvia Tibau. E ele conta a história de que o Nelson Rodrigues tinha o jornal, o filho dele e um dia fizeram uma fofoca. Não a coluna de fofocas e tal. A coluna social. E disseram que essa Sílvia Tibau tinha um amante. Nossa! E isso mudou a vida da pessoa e a pessoa ficou louca. Porque assim, houve separação e uma série de questões. Ele contando essa história que a gente desconhecia a história. E aí ela foi na redação, chegou lá para matar o pai. Não tinha o pai, matou o filho. E a gente foi... E aí ela era dona dessa região. E essa região ficou aí jogada, porque ela foi presa. Então o pessoal começou a ocupar depois, falando, falando de Tibau. Tibau virou Timbau.

Isso ele fala no vídeo. Ele conta essa história como memória. Aí a gente foi pesquisar: essa história é uma criação dele a partir de um fato real. A Silva Tibau existiu, mas ela nunca foi dona disso aqui. E Timbau não tem nada a ver com o sobrenome dela. E assim, e ela de fato matou o filho de Nelson Rodrigues. De fato. E essa história é narrada no livro Anjo Negro. Essa história existe. E eu falei assim: “Gente, como ele criou essa história?” E ele criou. E isso assim, me marcou, porque aí eu vi essa e outras e outras coisas da TV Maré que registrava o que a gente chamava na época dos desfiles gay. O pessoal que era LGBT aqui da Maré, que não existia essa sigla ainda, essa denominação... juntava todo mundo, todo mundo se montava e fazia show no meio da rua, fazia passarela. Nossa! As crianças iam... e eu lembrava disso e eles documentaram tudo isso. E tem isso tudo documentado, sabe? Isso aí era muito do cotidiano da Maré.

A Rádio Maré tinha... lógico, um programa que eu gostava, que eram músicas antigas. Aquela coisa de lembrar os sambas antigos. E aí o Teteu levava personali... trazia, né, porque era aqui em cima no Timbau... Alcione veio aqui, Neguinho da Beija-Flor. Aí eu falei: “Só essa gente vir aqui na rádio... nossa! E aí aquelas músicas, sambas antigos, aqueles sambas enredos de escola de samba assim... Nossa, era uma coisa assim... de viagem. E do jornal O Cidadão. Sim, matérias que tinham a ver. Trazia, sim, claro, coisas de todos os lugares, mas muitas coisas contadas, trazidas pelo olhar do morador, sempre trazendo para a Maré, a realidade da Maré. E tinha sempre a última página, que era a memória da Maré. Então assim, a última página era uma riqueza, porque

primeiro a gente começou contando a história do lugar. Depois que isso se esgotou, a gente começou a trazer as entrevistas com moradores. Aí a gente tematizava. Então tinha assim, "os campos de futebol da Maré". Então os moradores falavam sobre futebol. Os blocos carnavalescos", tinha só falando de bloco carnavalesco. "A vinda dos migrantes nos navios chamados Uíta". E aí a gente tinha moradores que falavam que chegaram aqui no navio como clandestinos. Então tudo isso passou a fazer parte. Cinema! Tinha cinema aqui. Tinham vários. E como os moradores frequentavam os cinemas. Então, isso tudo a partir do trabalho de história oral. Passou a fazer parte também dessa página de memória. Assim, foi marcante na comunicação.

Mônica Francisco:

Me fala desse lugar. Como isso entra na sua vida? Qual é o impacto disso? Me fala um pouco desse lugar que a gente está aqui agora, tão importante.

Claudia Rose:

Olha, esse lugar tão importante chamado Museu da Maré, não foi um lugar, a princípio, pensado, desejado. Por quê? Olha a nossa ideia: como é que a gente se sentia? A gente veio de onde? Do movimento popular. Museu é uma coisa popular? Não. Então assim, museu... eu sou professora de história. O que era um museu? "Ah, um lugar de exposição. Vou lá. Vou levar meus estudantes lá." "Ah, vamo lá, vamos lá! Tem uma exposição interessante." Depois a gente fazia trabalho ou, em alguns museus que a gente tinha diálogo, a gente ia antes, os professores, fazia uma preparação, preparava os alunos, fazia algumas dinâmicas, alguns trabalhos e levava os alunos para o museu. Depois retomava para a escola, fazia algum trabalho com aquilo que foi visto no museu. Mas sempre assim. Nunca um museu que pudesse interagir com a nossa vida, que pudesse nos representar e a gente se sentir representado nesse espaço.

E assim, a nossa praia era arquivo. Por que a gente tinha o quê? Fotos, documentos em papel. Então eram vários documentos. A maior parte em suporte de papel, mas a gente também tinha o quê? VHS, audiovisual de uma forma geral, livros, dissertação de mestrado, tese de mestrado, artigos acadêmicos... tudo sobre a Maré. Então a gente tem o arquivo Dona Orosina Vieira, que é o Arquivo Histórico da Maré. Onde vai entrar o museu nisso tudo? Ele entrou porque justamente em 98 para 99, o Museu da Vida não existia. Ele ia ser criado. Ele estava em processo de criação. E aí o pessoal da Casa de Oswaldo Cruz, que conhecia já a gente, chamou a gente para fazer a formação dos monitores do Museu da Vida. E todos os monitores eram moradores da Maré, adolescentes, estudantes de ensino médio.

A gente começou a participar junto com a equipe da Casa de Oswaldo Cruz, que já era a equipe que já estava formada para o Museu da Vida. Porque assim, o museu em si não tinha sido inaugurado, mais os espaços já existiam. Porque é um museu a céu aberto, tem a parte lá do parque, que é com experimentos que as crianças podem brincar, tem a biblioteca, tem o castelo. Tudo isso na verdade é um museu de território a céu aberto. E aí assim, a gente começou a participar dessa formação. Eles eram formados aqui, lá em cima, no Morro do Timbau, onde fica o CEASM, e a formação no início se dava lá na Fiocruz. E isso possibilitou a gente conhecer uma outra face dos

museus. Claro que eu vou dizer que eu não entrei no museu qualquer. O Museu da vida já tinha uma característica diferenciada, que era o museu interativo, o museu que dialogava, o museu que, na verdade, eles queriam, naquele momento, tornar aquele espaço de excelência, de ciência, um espaço aberto e que interagisse mais com a comunidade. E eles pensaram em um museu para isso.

Aí eu: “Ah, sério? Um museu!” E aí a gente começou a participar e viu assim uma ou outra faceta dessa coisa colonial que é o Museu. E aí, por conta disso, a gente começou a conhecer pessoas de museus, como o Mário Chagas, e a partir daí a gente começou a participar de vários encontros. E o que foi acontecendo? O museu foi seduzindo a gente. Aquela ideia de um museu, coisa que não passava na nossa cabeça. Como a gente de movimento popular vai propor o museu para uma luta popular? É... não dá. Não, não, não dá, né? Museu é para expor o que? Acervos, memória de quem domina e não de grupos populares. Isso foi mudando na nossa cabeça. Porque na verdade é um preconceito pensar que todo museu... é claro que a origem do museu é essa. A gente sabe disso, né? Que o museu é isso: os gabinetes de curiosidades, de pegar e roubar, o acervo, a cultura do outro... o imperialismo europeu chegar naqueles lugares... a África, a Ásia e roubar aquele acervo e levar para expor para os seus pares e mostrar o quanto você... o quanto eu sou poderoso. “Olha o que eu tenho aqui do mundo para mostrar. Olha em quantos lugares do mundo eu já fui.”

Então, sim, claro que a gente sabe que os acervos são roubados, que os acervos são frutos de roubo e de espoliação, de destruição dessas culturas e de submissão. Mas a gente também pode ressignificar o museu e dizer que, assim como eles exploram e tomam... arrancam a nossa cultura, a gente pode tomar de volta ressignificando uma coisa que eles criaram a partir dessa cultura roubada. E isso veio como uma luva dentro do trabalho de cultura, da militância que a gente já desenvolvia. E esse espaço aqui da Avenida Guilherme Maxwel, nº 26, ele já existia como Casa de Cultura da Maré, que era o trabalho do CEASM, de todo o trabalho de cultura, todo projeto de cultura veio pra cá. Inclusive o trabalho de memória que a gente desenvolvia. E a gente pensou: “Nossa! Olha aqui esse galpão. Olha que pé direito enorme! Olha! Olha, vamos fazer o museu aqui.” Assim... a ideia (risos). “Vamos fazer a exposição aqui.”

E aí isso começou a seduzir a gente a ponto de que a gente achou que criar um museu poderia ser algo bom, algo possível para a nossa luta. Mas o grande desafio foi: como é que a gente fala isso com os moradores? E aí a gente fazia encontros aqui com moradores antigos, lideranças comunitárias e tal. E aí a gente falou em algum momento: “Olha, a gente quer criar um museu.” E aí o seu Clóvis, já falecido, eu sempre conto essa história porque eu acho que essa história é... a fundação do museu se deu ali: naquele momento em que o seu Clóvis, no meio de todo mundo ali, ele diz “Olha, a gente lutou tanto para ter o asfalto, para ter creche, posto de saúde, escola, só faltava o museu.” Olha, quando ele falou isso, com a simplicidade dele, com uma forma tão explícita, tão simples... aí a gente: “Gente, como a gente é cheio coisa na cabeça, como a gente é burro.” Poxa, as pessoas entenderam melhor e muito mais rápido do que a gente qual a importância desse museu. Quer dizer, as nossas... eu me emociono também (chora)... hoje o dia (risos)... as nossas lutas representadas no museu. Entende o poder desse lugar?

Mônica Francisco:

A gente sente esse poder.

Claudia Rose:

Então assim, claro que vai ter alguém que vai vir aqui e vai entender esse lugar como um lugar de matar a saudade, de um lugar nostálgico. “Poxa, a foto! Olha como era. Ah, meu avô... ih, tem aqui a camisa do meu pai...”, sabe? Tem essa coisa. E que eu acho legítimo, porque elas não vão ter isso em outros museus. Mas, além disso, o como que as pessoas entenderam que aqui era um lugar de expor a história das lutas delas. Então assim, como a gente lutou para ter tudo isso? E só faltava o museu. Um museu, pra quê? Pra expor tudo isso. Então é isso, gente: as nossas lutas aqui. E esse lugar me emociona por isso, me emociona porque é potente, de como fortalece as nossas lutas isso aqui. Como eu vejo pessoas, por exemplo, que nunca moraram numa favela, como elas chegam aqui e falam assim: “Nossa, mas isso tem a ver comigo, com aquilo...” Quer dizer, é um museu também que se comunica. E é isso. O seu Clóvis não está mais aqui fisicamente, mas a luta dele tá aqui. E aí essa luta pode se comunicar com pessoas de tantos lugares diferentes.

E aí agora a gente está numa felicidade grande, tensos. A gente está tenso, mas a gente está numa grande felicidade que depois de muito... o museu já tem 17 anos. Depois de muito tempo, a gente conseguiu assim digitalizar uma quantidade significativa do acervo, tanto museológico como arquivístico. São 1200 itens digitalizados e catalogados com muito cuidado. E a gente vai lançar isso no dia 12. E todo mundo que quiser, vai poder acessar a plataforma e baixar, fazer download gratuitamente do acervo que a gente tem. Quer dizer, é uma conquista... demorou 15 anos, mas é uma conquista que para a gente tem um significado gigantesco. Porque a nossa luta vai ganhar o mundo, as pessoas vão ter acesso a isso.

E uma coisa assim...(chora). Nossa, como isso é potente! A gente pesquisou nos descritivos museológicos chamados de Thesaurus, sobre peças da religião de matriz africana. A gente quase não achou nada. Quase não achou. Assim, são descritivos muito parciais, incompletos e, em alguns casos, preconceituosos. A descrição do objeto é uma descrição preconceituosa. E aí, que a gente está fazendo justamente aqui? A gente está fazendo, e aí a gente vai ter... é claro que a gente não conseguiu fazer tudo. A gente não tem como porque é muita coisa. E aí a gente também precisa e a gente quer conversar, o dia 12 vai ter uma mesa... vocês estão convidados. No dia 12, 14h00 a gente quer conversar com as pessoas e dizer: “Isso aqui é fruto da pesquisa que a gente fez. Mas a gente também precisa de outros pesquisadores que possam contribuir, somar com isso.” Para trazer um olhar de pessoas que sejam de religião de matriz africana, trazer pra gente essa sensibilidade, para poder... não cometer erros, não tratar o acervo de forma sem o respeito devido, né? E aí, é claro, a gente aí também tem muitas peças a serem catalogadas. Mas a gente já catalogou aí uma parte do acervo aqui, O Tempo da Fé, do Congar ali das religiões de matriz africana. E assim a gente está pesquisando muito para não cometer. E eu sei que vai ter erro ali, porque a gente precisa de mais gente ali.

Mas assim, só de saber do cuidado de estar ali e não cometer o mesmo erro, de trazer uma visão

preconceituosa sobre o objeto que... aqui ele está, musealizado, mas ele tem um significado religioso para tanta gente. E aí é fruto das nossas lutas e essas lutas que não acabam. E essas lutas vão ganhar o mundo. As pessoas vão poder acessar, vão poder ler o que aquele objeto significa, quem doou o objeto, como aquele objeto veio parar aqui. Então assim, eu acho que é isso: o poder de compartilhar com o mundo agora, literalmente, as nossas lutas, que são lutas valiosas, que são lutas potentes, que são lutas que transformaram esse espaço.

Mônica Francisco:

Caramba! Vamos chegar no tempo de Cláudia hoje. Olhando para a atual conjuntura, todos os desafios que a Maré enfrenta, conseqüentemente seus moradores e moradoras, atravessada por muita violência externa, chegou um ventinho para a gente, soprando novos ventos para o museu da Maré, que vai para o mundo. Eu queria que você falasse um pouquinho disso. 43 escolas municipais, entre escolas de educação infantil, ensino fundamental e creches e uma força organizativa de comunicação comunitária popular. Do Museu do Seu Clóvis, que agora não falta nada. Tem museu. Me fala um pouco dessa conjuntura do tempo atual.

Claudia Rose:

Nossa, é uma conjuntura difícil, né? A gente está vivendo esse período de descobertas de um sentimento, que é um sentimento humano. Ele é humano, mas que ele é potencializado por políticas equivocadas ou propositalmente equivocadas de fortalecer o pensamento no sentimento de eles e nós, da separação, na disputa do racismo, do fascismo, que tudo se mistura. Porque é aquela velha máxima: dividir para melhor dominar. E é uma população que a gente vê, hoje a Maré é uma população que tem o protagonismo, claro. Eu vejo a Maré como um lugar... nossa! De potência, que a gente mesmo, e em vários encontros, pessoas de outros lugares, de outras favelas, que falam: “Nossa! Mas a Maré tem tanta ONG. Tem tanto movimento social. Tem tanto coletivo.” E tem, né. Por conta dessa história toda que não tem em tantos outros lugares, o quanto tem que a gente vem outros. Mas a Maré tem de fato.

E aí eu também acho que a localização da Maré favorece isso. Estar aqui entre a Avenida Brasil e linha vermelha, cortada no extremo pela linha amarela. Você está assim, perto da Cidade Universitária, da Universidade Federal, você está perto da Fiocruz... então assim, você está num lugar que é um lugar de confluência, onde aconteceram grandes obras das décadas de 40... 80 e que teve uma migração expressiva. Então você tem um território que tem muita potência, mas também muito conflito. E a gente percebe que existe uma política, que é uma política também, de que é... por um lado, negligencia esse território e, por outro lado, diz que está protegendo um território com ações bélicas aqui dentro. Um Estado que entra, entra com escolas, entra com postos de saúde, clínicas da família, UPA? Sim. Mas que não traz a qualidade devida para esses serviços. A qualidade que a população merece.

Por outro lado, você vê constantemente operações policiais acontecendo aqui. E aí isso torna esse lugar, um lugar de insegurança. Quando a gente não sabe o que vai acontecer. A gente passou pelo absurdo de, na semana que caiu o dia 12 de outubro, que foi feriado, a gente ficar... o feriado foi

numa quinta, a gente ficar de segunda até a outra segunda sem abrir nada. Não abriu museu, não abriu escola, não posto de saúde. Quer dizer o que? 8 ou 9 dias? Não sei. Sem nada abrir, porque o Estado fez operações policiais diariamente aqui. Diariamente. Qual o dia que não houve operação? No dia do feriado e no domingo. Quando a gente não abre, quando as escolas não abrem. Então, dia 12 não teve operação, domingo não teve operação. Mas de segunda até a outra segunda, tudo fechado!

Mônica Francisco:

Qual é o impacto disso?

Claudia Rose:

Nenhum positivo. Nenhum positivo. Porque a gente sabe que essa política não é uma política de fato de segurança. O que eles chamam de polícia de segurança pública não é. Não é isso. Você pode pensar em muitas coisas. Você pode pensar o óbvio, que a gente já sabe, que você tem um investimento, você tem um interesse das indústrias de armas e que, se geram guerras para vender armas, imagina aqui dentro. Fazer usar armas, comprar armas, e se vende arma para todo mundo. Então assim, você tem os grupos armados aqui e você tem a polícia também entra armada. Então assim, a gente sabe que isso não resolve. A gente sabe que isso é uma demanda de mercado, a gente sabe que isso é o capital, a gente sabe disso.

Mas, por outro lado, tem um impacto psicológico de botar essa população no seu devido lugar. Qual é o lugar? “Vocês são daqui, vocês são da favela e é aqui que vocês têm que ficar. E aí vocês não têm direito de ir e vir. Vocês não têm direito a vida de vocês, que se a gente quiser, a gente vai invadir, a gente vai quebrar, a gente vai roubar, a gente vai fazer o que quiser”. E isso é feito.

Eu, por exemplo, dou aula numa escola de educação de Jovens e Adultos, que é uma escola exclusiva, só trabalha com educação de jovens e adultos. Por isso a gente tem moradores de toda Maré nessa escola. Quando tem operação policial, eles começam a colocar no grupo: fotos... “Invadiram minha casa, quebraram tudo.” “Invadiram minha casa, levaram não sei o que e bateram no meu filho.” O filho, um adolescente porque é negro, porque tem cara de bandido. É isso? Então, assim, esse tipo de operação, isso não aparece na mídia. Aparece que estouraram um laboratório onde era refinada cocaína, no lugar onde se plantava maconha... não sei. Isso aparece na mídia. “Ah, tantas armas foram apreendidas”.

Mas não aparece na mídia a quantidade de gente que tem uma vez ou outra, porque fica um extremo, como foi o caso... não foi aqui na Maré... foi. Na Vila do João, a polícia entrou e levou uma coleção de moedas que uma moradora tinha. Isso é, digamos, um caso extremo, porque é uma coleção de moedas que ela já vinha colecionando aquelas moedas de não sei quantos anos. Então isso virou assunto para a mídia. Mas não vai entrar na mídia o que a gente vê nos grupos da escola quando os alunos começam a narrar os horrores que estão acontecendo sempre que tem operação policial. Sempre falam assim: “Ah, prenderam o fulano, atirou em Ciclano, apreenderam essas armas, não sei o que.” Isso é o que a mídia mostra, mas não mostram o cotidiano que é o cotidiano

assim... de ausência.

Por exemplo, você pode andar aqui na Maré, você só vai ver nas vias expressas, linha amarela, na linha vermelha e na Avenida Brasil, policiamento. O caveirão vai estar lá, o blindado vai estar, mas você não vai ver. Além disso, aquela polícia do cotidiano que está ali no dia a dia, que está conversando, Isso não existe, isso não existe. Existe a invasão. Então, isso é algo que pra gente, assim... que está trabalhando aqui, a gente fica sempre para quem mora, para quem tem a vida toda, é algo assim... ao mesmo tempo que revolta, humilha. E aí a pessoa, eu acho que para quem, tá... uma criança em formação, o que essa criança vai ter na cabeça dela? Que esse é o lugar ruim, negando toda luta que se tem para construir esse lugar. Então assim, a gente faz um trabalho na contramão disso. Mas hoje é realmente assim.

Para mim é assim, gente, eu já... eu fiz agora em novembro, 57 anos. É assim, gente, eu acho que não vou conseguir ver uma mudança porque essa mudança já está acontecendo. Eu tenho certeza que ela está acontecendo, mas ela é muito lenta e ela é muito subterrânea. Eu sei que o museu está contribuindo para essa mudança. Eu sei. Mas ela só vai aparecer daqui a muito tempo. Eu não sei se eu vou ver essa mudança porque é isso, esse território, os moradores, eles precisam retomar a sua história. Eles precisam saber que esse é um lugar de luta, de conquista e não o que a gente tem humilhação.

Porque é isso, imagina como eu vi... eu estava vindo da escola, estava indo. Eu estava saindo do museu indo para a escola quando estava a ocupação aqui do Exército, da pacificação. E eles tinham assim... ficavam em vários lugares. Um dos lugares era aqui na frente do museu, na esquina com o Capivari, que é uma rua que sobe aqui. Então tinham três soldados do exército ali. Eu saí do museu e estava indo para a escola, então eu atravessei a rua. Nisso, vem um grupo de meninos lá do outro lado, eles vinham na minha direção, eles vinham do treino que jogavam futebol. Assim, eram muito adolescentes, não tinha nenhum adulto no meio deles. Era todo mundo adolescente. E aí eles passaram por mim e atravessaram. Quando eles atravessaram, sabe aquela coisa de ter aquele, aquela intuição “Eu vou olhar para trás”? Olhei para trás. Quando eu olhei para trás, eles já estavam aqui na frente do museu e os soldados pararam todos eles e, isso eu vi, eles liberaram os meninos brancos e ficaram revistando os meninos negros.

Só que eram assim, deviam ter o que? O mais velho ali, eu lembro assim... eu posso tá, até já, porque isso já tem muitos anos assim, porque isso foi em 2013, 14 Não sei. Eu acho que o mais velho talvez tivesse 15 anos, 13 anos... mas todos estavam juntos, estavam vindo do mesmo lugar e indo para o mesmo lugar. Eles iam subir a Capivari, eles moravam lá em cima. E eles pararam quem? Os meninos negros. Os meninos brancos foram liberados e os negros eles ficaram revistado. Então o que é? Porque assim, você oprimiu uma população inteira, brancos e negros. Mas é claro que o alvo a gente sabe quem é.

Então assim, você está, além de estar dizendo que o lugar social dessa população é aqui, que ela tem que estar aqui, que ela tem que esquecer esse passado de luta, pensar apenas que ela tem que

sobreviver...hoje, você também tem o racismo, que é mais humilhante ainda, é mais um fator de humilhação. Porque além do seu lugar social, que é o lugar da pobreza, você é da favela e você tem que ficar aí, você é favelado, se além de tudo você é preto. Então... “Se vira aí, menino. Porque daqui a pouco eu atiro na sua cabeça, acabo com você e vai ficar por isso mesmo.” Então assim, é esse lugar... é esse o momento que a gente está vivendo. Esse momento em que as pessoas tem que lutar para sobreviver. Principalmente depois da pandemia. Começou a crescer o desemprego, as pessoas perderam a renda. Então as pessoas tem que lutar pela sobrevivência.

E então a história da luta por organização, ela fica apagada o quanto antes. Era a história da luta da organização por construir um território para todos, um território onde as pessoas tivessem direitos. Hoje cada um tem que correr atrás da sua sobrevivência, porque você não sabe se amanhã, ou a noite, você vai ser o próximo alvo do Estado - que deveria estar protegendo. Então isso cria um individualismo... além ,é claro, que vem se somar tudo isso, os discursos religiosos extremistas, que assim... “eles ali são pecadores, nós somos os salvos.” E aí assim, a gente também vive muito isso. Principalmente aqui, quando chega ali no Templo da Fé, que tem os buzios, tem as guias... e como as pessoas passam direto por aqui, muitas, dizendo que aquilo ali é coisa do demônio.

Então assim, esse desrespeito, esse que eu não via... claro, que podia existir. Podia, não. Existia na minha infância, mas não era dessa forma. Havia uma tolerância, uma convivência muito maior. Meus pais católicos, mas lá eu tinha amigos que eram evangélicos e até o meu doce de São Cosme e São Damião! Então assim, hoje isso é impensável. Há uma intolerância, um discurso religioso tão intolerante, um discurso religioso que divide tanto as pessoas. E então, somado a essa violência de Estado, você tem a luta. O que sobra é a luta pela sobrevivência. E quem te acolhe? Aquele discurso religioso que diz que você é importante, que diz que você vai conseguir superar. Porque além de tudo é meritocrático. Você, tendo fé, você consegue, você vai conseguir. E aí você anula toda essa história de luta. E isso desmotiva por um lado.

Mas quando a gente está aqui vendo as pessoas, vendo os jovens produzirem... nossa! Quanta produção aqui de jovens que a gente ajudou a formar, que eles estão fazendo teatro, estão fazendo dança, estão produzindo. Eles hoje são os que fazem a gente. Eu estou no grupo... a gente trabalha com GTs. Eu estou no grupo de comunicação, mas o grupo de comunicação são os jovens fazendo toda aquela linguagem do Insta... “o Facebook não sei o que. Isso é melhor para o Insta. Isso não vai. Isso é melhor que o Facebook. Isso...” E aí faz os reels, os vídeos descontraídos, aquelas coisas... até a Vera, que já é... que aqui tem um apelido pra gente: “as Jades são as já de idade” (risos). Aí chamam a gente de “Já de idade.” A Vera virou o menino propaganda. Em todos os vídeos está a Vera. A Vera é a figura dos vídeos.

Quer dizer, essa coisa da produção deles. E o teatro, né? Com criações... nossa! Quando eles se apropriaram da pandemia, eles fizeram uma peça dentro da exposição, uma peça-filme. Que, como não podia ter como sempre tem, o curso de formação e depois a peça com o público, eles tomando todas essas precauções e tal, sempre testando, fazendo teste de Covid e tal, fizeram todas as

gravações aqui dentro. Então assim, gerou “Os Invencíveis”, que é uma peça-filme do Entre Lugares, que é um projeto de teatro. Nossa! Aqui dentro! Quanta potência! Todo mundo jovem! Então assim, quanto né... também tem esse outro lado: de uma juventude que se apropria dessa história. Por isso que eu estou falando: está acontecendo.

Por mais que a gente veja toda essa parte negativa que tem muito, infelizmente, o poder do Estado que devemos proteger, mas que está aqui né... criando todo esse caos, né... esse medo nos moradores e essa mensagem subliminar “Você tem que ficar no seu lugar. Você é favelado, aí você tem que ficar. É isso que você merece, né?” E por outro lado, você tem pessoas jovens que estão criando outras outras linguagens, outras possibilidades de apropriação dessa história.

Mônica Francisco:

O que é a favela hoje, para você?

Claudia Rose:

Olha, pergunta difícil. Então, a favela que era para mim esse lugar de vivências, de afeto, de meus parentes, meus amigos, minha escola, professores, onde eu cresci, onde eu comecei a experimentar essa vivência, essa fé e tal... hoje é um lugar de, em certa medida, um lugar estranho para mim. Porque assim, eu vejo uma dificuldade justamente das pessoas estarem juntas, no sentido de uma organização popular. Mas isso eu acho que não é uma realidade da Maré. Porque, por outro lado, você tem organização popular. Como eu já falei, tem muitos coletivos, muitas ONGs aqui, tem outros projetos de teatro, tem um museu, tem tudo isso. Mas a gente vê assim... como a população que está numa... e não é porque as pessoas sejam individualistas, mas elas estão numa prática individualista que você vê que é algo que não é delas, é algo que foi colocado nelas. Porque elas estão sempre tão dispostas a fazer coisas.

Mas hoje é mais difícil porque a gente tem uma barreira também cultural. Essa influência do neopentecostalismo, com esse discurso muito fundamentalista, dificulta hoje um diálogo mais aberto, um diálogo também mais acolhedor. Como é que a gente acolhe essas pessoas? Como a gente fala com essas pessoas, por exemplo, que negam a ciência. Ou que dizem que ali os objetos do Templo da Fé são coisas do demônio. Como é que a gente acolhe essas pessoas? Então assim, realmente é um outro desafio.

É uma favela que cresceu muito e que... hoje a gente tem o que? Em torno de 140.000 pessoas vivendo aqui. Uma favela que está muito verticalizada, muitas casas sendo construídas umas em cima das outras. E antes, sim. Antes existia esse movimento, mas era assim “Ah, meu filho vai morar em cima, ele casou, minha filha vai...”. Hoje já é a especulação imobiliária. Você tem espaços que foram sendo abandonados por empresas e que são tomados e que dali se constroem prédios com kitnets e se aluga isso e não são valores baixos. Então a gente vê o quanto essa rua, por exemplo, ela está uma rua super movimentada. Principalmente durante a pandemia, quando muita coisa fechou e houve essa ausência da rua... como que as pessoas tomaram conta das calçadas, os grupos do poder. É claro que eles não fazem isso porque só porque eles têm o poder das armas. Claro que eles fazem isso porque eles têm o apoio do Estado. A gente sabe disso porque

como é que se constroi às margens da Linha Vermelha e da Linha Amarela e ninguém vê? E se faz para alugar. Se aluga e aluga.

E aí assim, esse olhar, que é o olhar de uma favela que... detesto esse termo... empreendedora, onde as pessoas estão aqui empreendendo e na verdade é uma visão predatória desse lugar. Como quando tomaram... a gente vê essa calçada em frente... uma calçada larga, mas ela era muito maior e ela era toda arborizada para aquele lado. Então derrubaram todas as árvores para construir lojas. E isso não é só aqui no museu. Isso se dá em todo lugar. Por exemplo, a gente tem escolas públicas que agora só tem entrada... a linha de estacionamento... tudo é essa entrada, porque todo o resto foi tomado. Árvores em frente das... foram todas derrubadas.

Quer dizer, é um empreendedorismo predatório. E isso é muito dessa visão, dessa concepção muito individualista, mas que não é... a história da Maré não é essa. A história da Maré é uma história de mutirão, de luta. Então isso não está nas pessoas. Isso foi colocado nas pessoas. E tem todos esses fatores que eu coloquei. Essa coisa do Estado, que inflige esse sofrimento nas pessoas, essa coisa da permissão de grupos armados... tudo isso. Como isso influencia essa favela hoje, que é onde eu nasci, onde eu cresci, onde eu trabalho, onde eu tenho minha militância, onde eu tenho meus amigos. É isso assim: uma favela que mudou muito, mas que não mudou no sentido de que cristalizou no tempo. Ela está mudando. E eu espero, sinceramente, que a gente esteja dando uma contribuição para que essa mudança seja no sentido de avançar.

Assim como o último tempo da exposição, o último módulo expositivo é o tempo do futuro. E não por acaso, ele vem depois do tempo do medo. Justamente para mostrar: o medo não pode ter a última palavra. Então, o que tem? O futuro. Mas que futuro é esse? É o que a gente está fazendo agora. O futuro só existe porque a gente está, agora, fazendo alguma coisa. Então espero que a gente esteja construindo possibilidades de futuros melhores. Assim, uma favela melhor, sabe? Uma favela onde a gente tem orgulho dessa história de luta e onde a gente possa andar.

Aliás assim, sendo meio que piegas, mas até influenciado pelo trabalho que a gente fez... Nossa! Que foi lindo... essa semana, lá no Seja Maré, que é essa escola que eu dou aula... e todo, a gente trabalha com trimestre, então todo final de trimestre tem um trabalho que é de integração... atividade e integração. Todas as turmas trabalham num único tema. E nesse terceiro trimestre o trabalho foi sobre poesias periféricas. E aí os turnos trabalharam... nossa! De cordel a rap... funk. E aí no turno, eu participei de algumas apresentações, e no turno da noite foi lindo ver as turmas assim... todo mundo... e tinha evangélico ali. Mas como foi lindo ver aqueles alunos, o povo cantando “Eu só quero ser feliz, viver tranquilamente na favela onde eu nasci.” Eu acho que é isso, assim é isso, é ter uma favela onde você possa andar e ir e vir.

Mônica Francisco:

Esse é o seu sonho?

Claudia Rose:

É. É o meu sonho: ter essa favela que eu possa ser vista em outro lugar como moradora da favela, sem estigma. Eu sou da favela. Que bom! Que legal! É um lugar onde a gente circula, onde a gente constroi possibilidades.

Mônica Francisco:

Por que isso te emociona?

Claudia Rose:

Porque eu acho que é uma das, digamos... se eu posso dizer assim, uma das missões do museu: construir também um imaginário. Que eu acho que a disputa está no campo do imaginário, não só no concreto. Porque quem ganhou a eleição, inclusive daquela vez... 2018, ganhou no campo do imaginário: na disputa das subjetividades. Porque as fake news não eram reais. As fake news mexiam com a subjetividade das pessoas. Então acho que a gente tem que atuar nessas subjetividades. Então, eu acho que uma das missões desse museu é criar novas subjetividades, trazer novas subjetividades para esses moradores e para pessoas de outros lugares, é claro.

Subjetividades é assim... "Pô, eu posso ser feliz." Como? Vendo essa história de luta... "Nossa! É favela que eu moro." Como eu posso construir um espaço que seja um espaço urbano, mas que respeite o ambiente aqui... a árvore. Que respeite o vizinho. Onde eu possa andar tranquilamente, onde eu não seja *acoado* por grupos civis armados e pelo Estado que vem, que permite que isso aconteça. E que quando vem, vem rasgando tudo e detonando e trazendo só a violência, a linguagem da violência.

Eu acho isso: uma das missões desse museu é mudar essa... trazer novas subjetividades. Eu acho que é um futuro assim, o tempo do futuro. Criar novas subjetividades, de generosidade, de afetividade, de felicidade, de andar na tranquilidade aqui fora, sabe? Assim, levar a favela em outros lugares e trazer pessoas pra cá e a gente poder trocar isso com tranquilidade. "Gente, a gente está no espaço seguro. É a nossa casa, sabe? O lugar onde eu trabalho."

Eu não preciso, por exemplo, como aconteceu no início do ano, foi o que? Abril, se eu não me engano, estar ali na escola, 09h30 da manhã, tem que correr com todo mundo para dentro do auditório que, dentro do estudo que foi feito pela CREA, é o lugar mais seguro da escola, levar todo mundo pra lá porque o helicóptero tá dando um rasante e disparando. Tem inclusive aqui no museu... um dos tiros bateu aqui, no chão ali. E o pessoal estava ensaiando. Tinha uma peça de teatro, o pessoal estava ensaiando... o grupo de teatro. Só que estava ensaiando lá dentro. Aí saiu todo mundo correndo e veio pra cá onde tem laje, porque ali não tem laje. E aí a gente teve que levar todo mundo pro auditório. Isso era 09h30 da manhã. Sabe que horas a gente saiu da escola? 14h30 da tarde. Quase 15h, 14h45.

A escola fechou. A escola funciona até às 21h30 da noite. Não teve aula nesse dia, obviamente. E a gente ficou. E como a gente tem muitos alunos especiais, alguns alunos quando, ligando... se comunicando... "Ah, aqui já pode. Pode sair... Vir pra cá. Pode ir pra casa." Aí a gente ia

liberando. Mas os alunos especiais, independentemente da idade deles, porque são maiores de idade, mas a gente não podia, tinha que esperar os pais ou o responsável. Então assim, é um peso. Imagina estar com a responsabilidade da vida daquelas pessoas ali, né? Então assim, o helicóptero não parava. Então assim, era blindado andando nas ruas. Foi horrível. E aí, quando a gente conseguiu liberar todo mundo... quando a gente saiu, a gente viu assim... e a operação continuou. Mais pra dentro da favela a operação continuava. E virou a noite.

Quer dizer, esse é o lugar que eu não quero. Eu tenho que intervir nessas subjetividades. As pessoas tem que saber que elas podem criar outras formas de vida sem esse medo. Então acho que o tempo do medo não pode ter última palavra.

Mônica Francisco:

Então esse é o seu sonho?

Claudia Rose:

Esse é o meu sonho.

Mônica Francisco:

E, para a gente finalizar, qual é o seu sonho para a Cláudia hoje?

Claudia Rose:

Eu não parei para pensar. Mas eu acho que o meu sonho... pra mim... pra mim... é... não sei. Eu tenho um sonho, como o sonho que eu já deveria ter realizado e que eu sou muito cobrada aliás. E que... eu não estou mentindo, viu? Eu não estou ocultando a verdade. Eu não estou... (risos).

Deixa eu falar, sou cobrada, mas o meu sonho é que a minha dissertação, que já tem a idade do museu, porque quando eu terminei a minha dissertação, foi em abril de 2006, e o museu foi inaugurado em maio 2006. Quer dizer, eu estava... todo aquele movimento de inauguração de museu e tal. Então assim, tem 17 anos. Nesses 17 anos todo mundo fala: “Claudia, sabe quantas pessoas em trabalhos acadêmicos, artigos, já citaram na sua dissertação? O livro! Cadê o livro da sua dissertação?”

e eu: “Ó, vai acontecer! Vai acontecer! Vai acontecer!” Não acontece. Aí eu acho que um sonho pra mim, desejo, desejo... Ano de 2024: o livro a partir dessa dissertação. Eu acho que sim. Eu acho que eu mereço. A Maré merece. Porque é uma dissertação que fala desse espaço.

Mônica Francisco:

Mas eu não quero a Maré. Eu quero o sonho para a Claudia.

Claudia Rose:

É um sonho que eu acho que eu mereço, mas eu sou a Maré também (risos).

Mônica Francisco:

Amei a sua resposta.

Claudia Rose:

O meu sonho. Eu acho que é isso: ter esse livro, publicar esse livro. Eu acho que pra mim é uma realização assim, eu concluir esse ciclo, sabe? Ele tá ali, ele existe, é tanta cobrança. Mas não é porque é cobrança. Eu não quero dar respostas dos outros, eu sei que eles estão certo em cobrar.

Mônica Francisco:

E a Cláudia tá se cobrando?

Claudia Rose:

A Claudia que está cobrando. Porque assim, eu sei que eles estão certos (risos).

Mônica Francisco:

É a Cláudia que ia fazer literatura...

Claudia Rose:

É (risos).

Mônica Francisco:

Então você está devendo a ela.

Claudia Rose:

É. Exatamente isso. Eu acho que é esse o sonho. E assim, o outro sonho...

Mônica Francisco:

Da Claudia..

Claudia Rose:

Da Cláudia. Veja bem: é difícil separar a Claudia de tudo. E esse sonho é um sonho que eu já podia ter realizado, que é a aposentadoria. Olha só! Olha o sonho: aposentadoria. Eu sou professora, e como professora eu tenho aposentadoria especial de 25 anos. Mas eu já tenho 29 anos. E aí eu continuo na escola, que é também uma escola diferenciada, uma escola maravilhosa. E a gente vai ficando, vai ficando. Mas o meu sonho também para 2024... Ah, o diretor não pode ouvir isso (risos)... é eu de fato me aposentar. Olha só! Olha o que eu quero: dedicar mais tempo a questões de saúde e assim... cuidar. Porque assim, agora eu tenho 57 anos, então assim... poxa, cuidar mais da saúde. Ter mais, porque eu realmente não tenho.

Mônica Francisco:

Cuidar da Claudia.

Claudia Rose:

Cuidar da Claudia. Mas ao mesmo tempo... olha, você vai falar “da Claudia.” Mas eu acho que tem a ver com a Claudia: é estar mais no museu (risos). Por quê? Porque eu divido, eu sempre dividi o museu e a escola. Porque a escola sempre foi assim... “Nossa! É minha profissão e onde eu recebo meu salário.” Mas também amo. Amo ser, apesar de ter que ter algum momento da minha vida querer fazer letras, mas eu amo ser professora de história. Apesar de agora ser coordenadora pedagógica, nem mais professora de história eu sou. Então assim, agora eu sou coordenadora pedagógica, mas eu amo dar aula, eu amo história e eu amo a escola que eu estou. Mas, então assim, eu sempre me dividia entre a escola e o museu. Antes lá no projeto de memória no CEASM, que é anterior ao museu, que deu origem ao museu.

E eu sempre me dividi. E eu sempre tive uma cobrança assim... “Poxa, eu nunca sou boa o suficiente na escola e nem boa o suficiente... assim...”

Mônica Francisco:

Boa o suficiente para quem?

Claudia Rose:

Boa o suficiente que eu gostaria de ser para mim.

Mônica Francisco:

Ah, para a Claudia.

Claudia Rose:

Para mim. Não é... não, eu nem penso...

Mônica Francisco:

Eu estou falando só da Claudia.

Claudia Rose:

É, eu não penso nas pessoas. Assim, nunca ninguém, nunca... pelo contrário, todo mundo assim... “Ai, não sei o que. A Claudia é uma professora ótima, não sei o quê.” Mas eu lá dentro falo assim: “Poxa, eu acho que... não. Eu tenho certeza. Eu poderia ser muito mais professora se eu só tivesse isso aqui. Aí quando chega no museu: “Poxa, eu podia ser muito mais no museu se eu só tivesse isso aqui.” Aí eu fui dividindo e isso foi a minha vida inteira: me dividindo. Aí eu falei assim: “Nossa! Agora eu posso me aposentar e eu posso me dedicar só a uma coisa, a um espaço. Nossa!” E a mim, a minha saúde, a cuidar de mim e a fazer os meus exercícios e tal. Eu acho que é esse: meu outro sonho é a aposentadoria.

Mônica Francisco:

Eu disse que era a última, mas tem duas coisas que você me provocou. Não sei se vocês tem alguma coisa para acrescentar (olha para o público), mas assim, uma é: hoje saiu a sua aposentadoria

oficialmente. A partir de amanhã você é a Claudia dona da Claudia. O que você vai fazer?

Claudia Rose:

A Claudia dona da Claudia eu acho que vai entrar para um... não sei. Uma natação... uma hidroginástica.

Mônica Francisco:

Gostei.

Claudia Rose:

E a Claudia dona da Claudia vai ficar mais tempo no museu (risos).

Mônica Francisco:

Você vem aqui sozinha? Ah, tá. Vai.

Claudia Rose:

Olha, quem sabe a Claudia dona da Claudia... quem sabe, isso não é certo, vai fazer doutorado?

Mônica Francisco:

Uuuuuh, gostei. Mas e o doutorado em quê?

Claudia Rose:

Não parei para pensar, viu (risos)?

Mônica Francisco:

Vamos ficar com essa resposta sem solução. Agora, você vem aqui sozinha? Aqui.

Claudia Rose:

Venho.

Quando você chega aqui, o que você sente?

Claudia Rose:

Ah, gente. Eu sinto orgulho de tudo isso. Nossa, eu ajudei a construir isso. Eu tenho esse orgulho.

Mônica Francisco:

E por que você vem aqui sozinha?

Claudia Rose:

Eu acho que o silêncio aqui... assim, eu devo confessar que vir aqui para mediar...

Mônica Francisco:

Não, eu não quero...

Claudia Rose:

Não, então. É isso que eu estou falando. Eu vir aqui para mediar é sempre uma coisa assim, de uma interação que é interessante. Não vou negar, às vezes é cansativo. Porque dependendo do grupo, é cansativo. Mas vir aqui sozinha é outra coisa. É olhar... os detalhes. Gente, eu sinto uma paz aqui. Eu não sei como que as outras pessoas se sentem sozinhas aqui. Eu sinto paz aqui. Ah, já teve gente que diz que sente medo a noite quando tem que apagar a luz aqui (risos). Mas assim, não. Eu sinto paz. Eu acho que eu sinto também um pouco da realização de ter contribuído para fazer isso. Eu vejo um pouco de mim aqui nesse espaço, olhar assim... os detalhes, às vezes são coisas que você vê todo dia, que você... quando pára para prestar atenção, você sempre vê algo novo ou você naquele dia está mais triste, ou mais feliz, ou aquilo te chama mais atenção.

Nossa! Eu gosto. Eu venho. Eu devo confessar que eu venho pouco. Sozinha... aqui, eu venho pouco. Mas eu venho, e olho e ando. Gosto muito de passar por baixo aqui da palafita e até lá, no Tempo do Cotidiano, olhar o lugar, olhar para cima, para o Tempo da Fé e aquele painel que você tem que olhar para cima obrigatoriamente. Passar ali no Tempo da Criança e pisar naquela vitrine e saber que ela não vai quebrar com o meu peso (risos). Eu gosto disso. E assim, e sempre chegar aqui no tempo do futuro e falar “Nossa! O tempo de futuro precisa de mais coisa.” Você sempre pensa: precisa de mais coisa, com mais do futuro aqui presente né? Mais assim é... sempre me tranquiliza estar aqui sozinha, tranquiliza.

Mônica Francisco:

Claudia (aplaude e o público aplaude também).

Claudia Rose:

Olha, gente! Não. Pára. Pára se não eu vou chorar de novo.

Mônica Francisco:

Obrigada (se abraçam)!

Claudia Rose:

Obrigada a você.